



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**RAQUEL CABRAL ALVES**

**RELAÇÕES DE PASSADO E PRESENTE  
NA ARQUITETURA DA RUA MACIEL PINHEIRO**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2019**

RAQUEL CABRAL ALVES

**RELAÇÕES DE PASSADO E PRESENTE  
NA ARQUITETURA DA RUA MACIEL PINHEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento de História  
da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à conclusão do  
Curso de História.

**Orientador:** Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana

**CAMPINA GRANDE - PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474r Alves, Raquel Cabral.  
Relações de passado e presente na arquitetura da rua  
Maciel Pinheiro [manuscrito] / Raquel Cabral Alves. - 2019.  
25 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2019.  
"Orientação : Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana. ,  
Coordenação do Curso de História - CEDUC."  
1. Tempo. 2. Cidade. 3. Patrimônio. 4. Arquitetura. I. Título  
21. ed. CDD 720

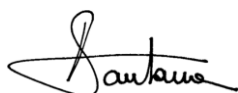
RAQUEL CABRAL ALVES

RELAÇÕES DE PASSADO E PRESENTE  
NA ARQUITETURA DA RUA MACIEL PINHEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento de História  
da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à conclusão do  
Curso de História.

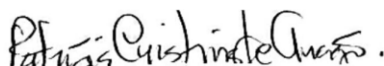
Aprovada em: 06/12/2019.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Flávio Carreiro Santana (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dra. Patrícia Cristina Aragão Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Ms. Glauber Paiva da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, por todo incentivo,  
DEDICO.

## SUMÁRIO

RELAÇÕES DE PASSADO E PRESENTE NA ARQUITETURA DA RUA MACIEL PINHEIRO.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
DICOTOMIA ARQUITETÔNICA .....	9
LEITURA PATRIMONIAL .....	12
LENDO A RUA MACIEL PINHEIRO .....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	20
REFERÊNCIAS .....	21
APÊNDICE A .....	23
APÊNDICE B .....	24
AGRADECIMENTOS .....	27

## **RELAÇÕES DE PASSADO E PRESENTE NA ARQUITETURA DA RUA MACIEL PINHEIRO**

Raquel Cabral Alves<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho deseja contribuir historiograficamente nos estudos sobre tempo, cidade e patrimônio. Estes três objetos confluem e permitem refletir sobre a história com base em espaços e instrumentos próximos de nossa realidade. O nosso “laboratório” será a rua Maciel Pinheiro na cidade de Campina Grande - PB. Propomos um exame do patrimônio presente neste espaço, de característica peculiar, muitas vezes imperceptível, mas que tenciona uma reflexão importante para o estudo da história.

Palavras-chave: Tempo. Cidade. Patrimônio. Arquitetura.

### **ABSTRACT**

This work wishes to contribute historiographically to studies on time, city and heritage. These three objects converge and can reflect on a story based on spaces and instruments close to our reality. Our "laboratory" will be at Maciel Pinheiro Street in the city of Campina Grande - PB. We propose an examination of the heritage present in this space, of peculiar characteristic, often imperceptible, but an important reflection for the study of history.

Key-words: Time. City. Patrimony. Architecture.

---

<sup>1</sup> Concluinte do curso de História da UEPB

## Introdução

Esse trabalho iniciou a partir da observação ingênua de uma rua da cidade que resido. Quando falo de observação ingênua, me refiro à ausência da epistemologia e saber histórico. Há na atualidade uma diversidade de críticas ao trabalho de não historiadores, como exemplo dos jornalistas, que costumeiramente são confundidos com a historiografia de ofício. Contudo, sabemos que essa escrita historiográfica requer a presença do historiador.

Nesse sentido, o que chamo de observação ingênua pode ser associado a um cidadão que observa a paisagem; um leigo que a percebe ou um douto que pondera sobre. Mas a observação carregada da episteme é o trabalho do historiador. Quando criança iniciei a minha observação ingênua enquanto cidadina. Ao passar na rua Maciel Pinheiro, em Campina Grande, observava aquela paisagem achando-a diferente das demais ruas da cidade. A noite, as luzes preambulares permitiam um cenário diferenciado que com o passar dos anos aguçou-me a curiosidade.

Ademais, tomada de maior capacidade reflexiva, pude perceber que as luzes e edifícios daquela rua refletiam o passado. A partir desse interesse, debrucei-me a escrever este trabalho procurando sair do empirismo e oferecer ao leitor uma reflexão historiográfica sobre as relações do passado com o presente intrínsecos nesta rua. Comumente, as reflexões sobre o tempo parecem partir do imaterial. O tempo parece ser algo impalpável. Para um conhecimento apressado o Dicionário Google nos oferece um conceito: tempo é o “período contínuo no qual os eventos se sucedem”. A dimensão temporal, muitas vezes, nos leva a uma atividade reflexiva sobre o mundo.

Entretanto, essa pesquisa deseja contribuir para uma compreensão materializada do tempo. Isso será possível a partir da arquitetura da rua Maciel Pinheiro, pois através dela estabeleceremos uma relação do passado com o presente. Há, portanto, nesse trabalho, alguns objetivos importantes. Perceber a dicotomia existente na arquitetura dos edifícios da rua Maciel Pinheiro é um deles, ponderar como este espaço contribui historiograficamente é também o nosso trabalho. Nesta discussão, ainda dialogaremos sobre patrimônio histórico, pois a rua em questão apresenta esta peculiaridade. Contudo, estabeleceremos uma percepção historiográfica sobre patrimônio que não se restringe apenas aos parâmetros convencionais. Veremos que a partir do patrimônio histórico pode-se compreender as ações do passado no presente.

A partir do patrimônio existente nesta rua, perceberemos a possibilidade de uma leitura histórica. É nesse sentido que envolvemos as discussões sobre patrimônio em sentidos que de modo habitual não se é empregado visto que os debates envoltos sobre patrimônio estão ligados frequentemente à preservação, abordaremos sobre uma leitura patrimonial.

A partir da análise de jornais, pôde-se conhecer a importância da rua Maciel Pinheiro ao longo do tempo, importância percebida nas publicações que reivindicavam a conservação da rua por ser considerada a principal artéria da cidade. Este trabalho também conta com uma enquete realizada virtualmente. Experimentamos qual a imagem que se tem da rua em análise a partir de um primeiro olhar.

A enquete foi realizada entre os dias 18 e 20 de novembro, contando com 100 pessoas consultadas para a resposta de apenas uma questão sobre a primeira impressão que se tem dos prédios. A questão foi elaborada em um



aplicativo denominado “Formulários Google” que é destinado a produção de questionários, e foi enviada através das diversas redes sociais como Whatsapp, Instagram e Facebook.

Imbuídos desta breve apresentação, convidamos o leitor a atentar para as considerações adiante e ao cidadão de Campina Grande a, depois da leitura deste texto, visitar a rua Maciel Pinheiro e olhar para cima e, nesse sentido, encontrar-se com o passado através dos prédios.

### **Dicotomia arquitetônica**

Ao cidadão despercebido, passar na rua Maciel Pinheiro pode ser atividade comum. Por estar localizada no centro da cidade, esta rua é sempre visitada, pois o centro das cidades é, geralmente, lugar de interação, sobretudo comercial. A partir dos estudos de Benevolo (2005) percebemos que o ser humano desde os primórdios de sua existência projetou no ambiente natural o ambiente construído que posteriormente denominou-se cidade.

Segundo o autor, o homem “durante um tempo muito longo viveu coletando seu alimento e procurando um abrigo no ambiente natural, sem modificá-lo de maneira profunda e permanente”<sup>2</sup>. Este período o autor atribui ao paleolítico. Contudo, segundo ele, modificações mais profundas passaram a ser realizadas no ambiente natural a partir do neolítico, quando organizaram-se estabelecimentos estáveis, é pois quando surge as primeiras aldeias.

A partir de reconstruções arqueológicas compreendemos que o ambiente construído, a saber, “a cidade”, era dotado de estruturas. A reconstrução de uma aldeia neolítica na Alemanha<sup>3</sup>, há cerca de 2000 anos a.C. já apresentava estruturas como casas, espaço para trabalho, ruas e praças centrais.

A rua Maciel Pinheiro está localizada no centro da cidade de Campina Grande. Possui uma característica importante que a diferencia das demais ruas da cidade e do centro. Além do intenso fluxo comercial, o conjunto de prédios da rua são compostos em sua maioria de primeiro andar. Contudo, há uma peculiaridade na arquitetura deles. A parte inferior, ou o térreo, é formada por lojas com suas especificidades. Ou seja, vitrines, manequins, placas, banners, etc. Todavia, a parte superior, o primeiro andar dos prédios, são propriedades em estilo Art Déco que tornou-se patrimônio histórico da cidade.

Diante dessa descrição podemos perceber uma dicotomia. Empregando um conceito da astronomia, dicotomia é o “aspecto que tem um planeta ou um satélite ao se apresentar dividido ao meio, metade claro, metade escuro”.<sup>4</sup> Desse modo, podemos fazer esta analogia no conjunto arquitetônico da rua Maciel Pinheiro: uma arquitetura dicotômica. Os prédios são divididos ao meio, no térreo um arquitetura contemporânea e no primeiro andar uma arquitetura em estilo Art Déco que atualmente é considerada antiga.

Se atentarmos para a definição de dicotomia acima citada, perceberemos o contraste do claro contraposto ao escuro. Esta questão nos leva também a refletir sobre conceitos forjados na história. Costumeiramente o passado é tido como obscuro, pois já passou e, muitas vezes, é fadado à reminiscência. Segundo Paul Ricoeur (2003), “o esquecimento é a dimensão da condição histórica de humanos

---

<sup>2</sup> BENEVOLO, 2005, p. 10.

<sup>3</sup> Ibidem. p. 17

<sup>4</sup> Dicionário do Google. Acesso em: 16/10/2019

que somos”<sup>5</sup>. O esquecimento seria a escuridão, pois nela nada se vê. Mas, aquilo que é conservado na memória, ou seja, a reminiscência, seria a luz no fim do túnel. Isso implica dizer que o passado não é sinônimo da escuridão, pois na reminiscência ele é iluminado.

Nesse sentido, o presente seria o oposto do passado, pois ele está claro aos nossos olhos, não necessitando da reminiscência. Todavia, vimos que o passado pode ser iluminado. Na dicotomia arquitetônica da rua Maciel Pinheiro poderia-se dizer, então, que temos o passado (o primeiro andar) e o presente (o térreo) intrínsecos, pois não existe passado sem o presente para testificar o que se foi.

Sobre obscuridade ou clareza do passado fala Braudel: “À primeira vista, o passado é esta massa de pequenos fatos, um bem claros, bem visíveis, outros obscuros e indefinidamente repetidos...”<sup>6</sup> ele ainda acrescenta: “presente e passado iluminam-se com sua luz recíproca”<sup>7</sup>. Diante disso, não devemos atribuir o passado à escuridão, pois segundo o autor há uma luz dos dois lados dos tempos históricos.

Desse modo, a arquitetura da rua Maciel Pinheiro revela uma relação do passado com o presente materializados. Se a dimensão do tempo nos parece abstrata e impalpável, este conjunto arquitetônico nos leva a ver e até mesmo apalpar o passado a partir de si mesmo, pois ele é um vestígio do tempo pretérito. Segundo Reinhart Koselleck, o tempo histórico pode ser percebido no cotidiano. Para isso, algumas vezes teremos que recorrer a reminiscência proposta por Ricoeur. Na obra *Futuro Passado* Koselleck diz:

Quem busca encontrar o cotidiano do tempo histórico deve (...) evocar na memória a presença, lado a lado, de prédios em ruínas e construções recentes, vislumbrando assim a notável **transformação de estilo que empresta uma profunda dimensão temporal a uma simples fileira de casas**; que observe também o diferente ritmo dos processos de modernização sofrido por diferentes meios de transporte, que, do trenó ao avião, mesclam-se, superpõem-se e assimilam-se uns aos outros, permitindo que se vislumbrem, nessa dinâmica, épocas inteiras. (KOSELLECK, 1979, p. 13-14, grifo meu).

Este trecho nos mostra como uma observação em volta da cidade pode nos levar a compreensão do tempo histórico. Com base nisto, encaixamos a arquitetura dos prédios da rua Maciel Pinheiro nas palavras de Koselleck acima citadas. Segundo o autor, a transformação de estilo empresta uma profunda dimensão temporal a uma simples fileira de casas. Na rua em questão isto é demasiadamente aplicável, pois a dicotomia presente nos prédios aponta claramente um encontro de diferentes épocas, uma considerada passada e outra considerada contemporânea. Toda essa percepção está envolta no estilo arquitetônico.

É nesse sentido que compreenderemos porque o estilo arquitetônico da rua Maciel Pinheiro nos remete ao passado. Empregando o conceito que propus de

<sup>5</sup> Cf. Memória, história, esquecimento (2003)

<sup>6</sup> BRAUDEL, 1965, p. 265

<sup>7</sup> Ibidem, p. 275

observação ingênua, ou seja, empírica e ausente de epistemologia histórica, partindo de um público comum e residente da cidade de Campina Grande, realizei uma pesquisa para saber a percepção do cidadão a respeito desta rua.

A partir de uma metodologia online produzi uma enquete onde os questionados responderam à seguinte pergunta seguida de uma fotografia da rua analisada: Esta é a rua Maciel Pinheiro na cidade de Campina Grande, Paraíba. Qual a primeira impressão que se tem do estilo dos prédios?

Para esta pergunta, os respondentes, quase que unanimemente, remeteram à rua ao passado e ao antigo. Obtivemos respostas de observadores leigos e doutos, isto porque alguns conheciam o estilo empregado na arquitetura dos prédios apontando o Art Déco. Entretanto, a maioria, apenas remetiam a algo antigo. Outros mostraram-se cientes de que se tratava de parte da história da cidade, alguns admiraram a beleza da arquitetura e também ressaltaram sobre a conservação dos prédios que mereciam maior atenção. Contamos com a resposta de 100 pessoas com conhecimento diversificado.<sup>8</sup>

O objetivo da enquete era conhecer a primeira impressão que os cidadãos têm da rua a partir de uma observação da fotografia. Esta análise não se deu no âmbito da história oral, na qual “os entrevistados são tomados como unidades qualitativas.”<sup>9</sup> A pesquisa objetivou um estudo quantitativo, observando quantas pessoas atribuiriam os prédios ao passado. Houve quem achasse a rua comum, não percebendo a dimensão temporal dos prédios. Contudo, a maioria dos respondentes conseguiram fazer um vínculo com o passado. A partir das respostas que apontavam o estilo arquitetônico dos prédios e as características comerciais da rua, vimos a existência de conhecimento histórico em determinado grupo. A enquete possibilitou aos cidadãos perceber a rua de modo diferente do habitual.

Após a entrevista alguns respondentes confessaram nunca ter reparado que a rua Maciel Pinheiro possuía uma arquitetura antiga mesmo tendo a visitado diversas vezes. Desse modo, entendemos que a visão das pessoas ao visitarem esta rua segue sempre um sentido horizontal, perpassando entre os estabelecimentos comerciais, os pedestres e o trânsito. Através da enquete convidamos as pessoas a olharem para cima e perceber os prédios antigos e, a partir de seus conhecimentos, fazerem uma leitura deles. Essa questão aguça a curiosidade das pessoas, pois elas se perguntam como nunca repararam em algo que, estando a sua volta, faz parte de sua história. Através da enquete acreditamos ter possibilitado a reflexão e o impulso em se observar e conhecer a própria história.

A enquete, quando realizada, não informou aos respondentes que se tratava de um trabalho de História, esclareceu apenas ser uma pesquisa para elaboração de um artigo científico a fim de não tencionar os questionados a formularem “respostas historiográficas”, mas apresentarem suas próprias percepções. Segundo Verena Alberti, “convém, pois, contar com entrevistados de diferentes origens que desempenham diferentes papéis no universo estudado, a fim de que variadas funções, procedências e áreas de atuação sejam encobertas pela pesquisa”.<sup>10</sup> A partir da subjetividade de cada resposta pôde-se contemplar o

---

<sup>8</sup> Encerramos a aceitação de respostas na plataforma online ao perceber a “saturação”. Conceito proposto por Daniel Bertaux quando em um dado momento da entrevista as respostas começam a repetir-se. *cf.* Capítulo Histórias dentro da História na obra *Fontes históricas* (2005).

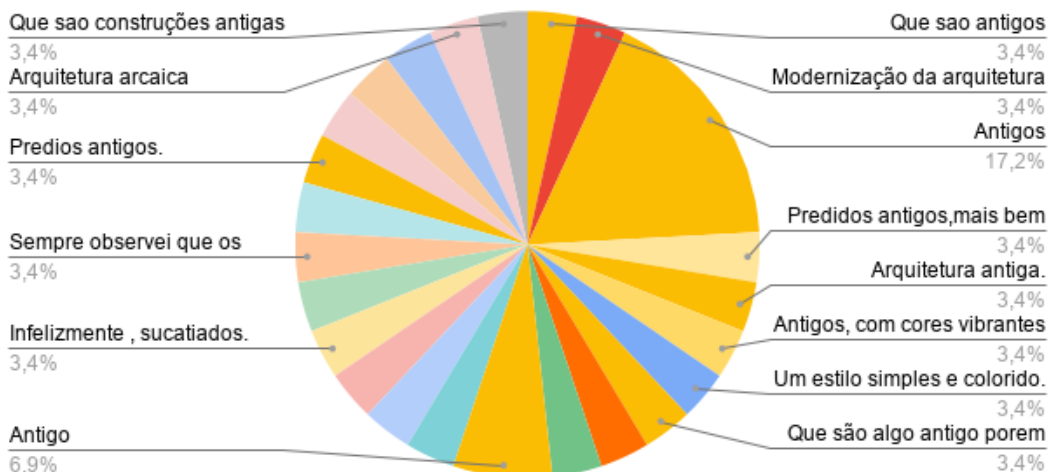
<sup>9</sup> ALBERTI, 2005, p. 172

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 175.

conhecimento que se tem dos prédios e da rua. A seguir, temos um gráfico com as respostas apresentadas.

Imagem 1 - Resultado da pesquisa

**Esta é a rua Maciel Pinheiro na cidade de Campina Grande, Paraíba. Qual a primeira impressão que se tem do estilo dos prédios?**



A seguinte resposta do questionário me chamou a atenção: “Uma construção antiga na parte de cima dos estabelecimentos”. Este observador ingênuo consegue perceber a dicotomia presente no conjunto de prédios, pois enfatiza que apenas a parte de cima remete ao passado. A autora Luísa Bettencourt, falando sobre morfologia urbana diz:

Em cada cidade existe um “antes” e um “depois”, daí que ela seja a síntese de vários momentos (...) Em consequência, hoje os sítios são uma síntese de vários momentos da história, com permanências, sem que no entanto ocorra um corte epistemológico com o passado”. (BETTENCOURT, 2010, p. 26)

Com base nisso, podemos perceber o “antes” no estilo Art Déco, e o “depois” nas vitrines das lojas do conjunto arquitetônico da rua Maciel Pinheiro e, também, enxergar a síntese resultante dessa dialética: o centro histórico de Campina Grande.

### Leitura patrimonial

Pudemos através desta pesquisa observatória, proporcionar ao cidadão uma leitura do patrimônio histórico e também uma leitura da própria cidade. É nesse sentido que falo de uma leitura patrimonial que não abarca apenas os parâmetros convencionais de preservação, mas nos leva a observar o patrimônio a partir de sua historicidade. Sendo assim, o patrimônio histórico tem implícito em si uma certa historiografia, pois ele é um agente da história que, como vimos, pode ser lido e interpretado. Segundo José d’ Assunção Barros, “Por um lado, a Cidade é representação. Por outro lado, a Cidade gera representações de si mesma”.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> BARROS, 2007, p. 132.

Fazendo parte da cidade, o patrimônio histórico da rua Maciel Pinheiro também gera representações de si.

Ainda segundo Barros, “(...) a cidade também é ‘texto’. Vale dizer, a cidade pode ser lida e decifrada como se decifra um texto.”<sup>12</sup> Desse modo, podemos dizer que a cidade é um texto não verbal, ausente de palavras, mas carregada de significados em suas expressões. Citando como exemplo uma analogia realizada por Panófsky, Barros diz: “É um mesmo estilo de imaginação (...) que está por trás do “texto escolástico” e do “texto gótico” que se expressa através destes sofisticados artefatos urbanos que são as catedrais do período medieval”.<sup>13</sup>

É encontrado um texto nas catedrais medievais na medida que o estilo empregado nessas arquiteturas deseja transmitir uma mensagem ao cidadão. A imponência das catedrais na Idade Média demonstravam o poder supremo da igreja neste período. A arquitetura gótica trazia em seu estilo esculturas de passagens bíblicas para possibilitar uma leitura não verbal aos devotos analfabetos. Na primeira metade do século XX, Campina Grande viveu uma grande reforma urbanística, na qual, a igreja matriz também sofreu alterações de leitura. O autor Fabio Gutemberg nos faz perceber em seu texto que a igreja era a arquitetura mais alta da cidade:

Primeiro, iniciou a construção do Grande Hotel em cimento e concreto armado, com quatro andares, e poucos metros do prédio da matriz, passando o mesmo a rivalizar com o monumento em altura e pujança, com uma vantagem (e talvez muitas desvantagens): era obra com traços e marcas da arquitetura modernas, o *décor* e, por conseguinte, muito mais atraente para a sensibilidade dos tempos que corriam. A matriz e o seu relógio passaram a dividir as atenções e os olhares dos transeuntes com o Grande Hotel, tendo agora um rival na produção de fotografias e quadros panorâmicos da cidade. (SANTOS, 2003, p. 72-73)

Este fato também é confirmado por Severino Cabral Filho, quando ele descreve uma fotografia da Avenida Floriano Peixoto e diz que “provavelmente, a tomada foi realizada do alto da Igreja Matriz, situada nesta avenida, ponto do qual muitas das imagens panorâmicas de Campina Grande foram feitas.”<sup>14</sup>

Sobre a leitura que se pode fazer da cidade Luísa Bettencourt faz uma consideração importante:

J. Lamas escreve que a primeira leitura da cidade será sempre ao nível “físico-espacial e morfológico”, pois só esta pode mostrar a singularidade de cada espaço e de cada forma, e ainda “explicar as características de cada parte da cidade”. **Afirma, ainda, que a esta primeira leitura juntam-se necessariamente outras que vão dar a conhecer diversos conteúdos** - históricos, econômicos, sociais e outros. (BETTENCOURT, 2010, p. 27, grifo meu)

É comum associar os livros a um objeto onde se conhece diversos conteúdos, contudo, Bettencourt nos afirma que a leitura da cidade também pode cooperar para se conhecer conteúdos históricos, econômicos e sociais. Quando

<sup>12</sup>Ibidem. p. 135.

<sup>13</sup>Ibidem. p. 135-136.

<sup>14</sup> CABRAL, 2007, p. 215.

fazemos uma leitura da rua Maciel Pinheiro, descobrimos fatos históricos que a envolvem do passado ao presente.

Diante dessa perspectiva de leitura da cidade e também do patrimônio histórico, vamos ousar um pouco essa reflexão historiográfica. Segundo Manoel Luiz Salgado Guimarães, há “alguns problemas apresentados para aqueles que se ocupam de narrar o passado em tempos de presentismo”<sup>15</sup>. É nesse sentido, que o autor cunha o termo “falência de um projeto escriturário que fundado no século XIX, acreditava poder reproduzir o passado e, no limite, tratar esse passado como “realmente teria sido” segundo a célebre e recorrente afirmação de Leopold von Ranke.”<sup>16</sup>

Quando o autor fala da “falência de certo projeto escriturário”, refere-se ao método rankeano, que acreditava na transcrição literal do passado através da escrita. Contudo, sabemos que cada escritor tem um lugar social e uma subjetividade. Sobre isso, Manoel Luiz diz: “Essa falência de uma regime de escrita manifesta-se pela constatação da impossibilidade de realização desse projeto; uma escrita que se colocasse à própria experiência, como um decalque fiel do vivido”. Diante dessa perspectiva, sendo o projeto escriturário falível na “mímesis do real”, e percebendo a cidade como um texto não verbal, temos no patrimônio edificado da cidade um registro fiel do passado. Não um é um decalque, pois não se trata de uma cópia e sim de um vestígio.

Ainda segundo este autor, os esforço da memória faz com que os feitos realizados encontrem um lugar no presente. Nesse sentido, podemos dizer que o passado é presentificado no patrimônio histórico. Ao mirarmos um patrimônio edificado lembramos do passado, mas ele está presente. Este objeto ultrapassou as fronteiras do tempo, presentificando-se “sem que no entanto ocorra um corte epistemológico com o passado”.<sup>17</sup> Desse modo, podemos ainda repercutir que o passado nem sempre irá morrer e através do patrimônio histórico ele é perpetuado.

A partir da pesquisa realizada pode-se ver que alguns respondentes atentaram para a conservação dos prédios da rua Maciel Pinheiro. Este é um assunto importante que está sempre envolto nas discussões patrimoniais. No livro Patrimônio histórico e cultural (2009) os autores propõem uma reflexão sobre patrimônio que vai do individual ao coletivo, e à coletividade é atribuído os objetos considerados de valor para uma comunidade.

Diante disso, a pesquisa realizada neste trabalho nos faz perceber que há uma preocupação em se preservar a arquitetura da rua Maciel Pinheiro que não partiu do individual, ou de apenas uma pessoa, mas de um determinado grupo, permitindo refletir se este ambiente merece o tributo patrimonial. Contudo, para se perceber a complexidade de percepções individuais, um respondente da entrevista disse que “por ser o centro deveria ser algo mais inovador, com mais infraestrutura”. Nesse sentido, deve-se atentar para uma educação patrimonial, pouco presente no interior das cidades.

Na obra de Funari e Pelegrini (2009) atenta-se para a preocupação de se preservar em tempos de urbanização e industrialização, principalmente quando a população almeja esta modernização. Ademais, essa história de modernização já perpassou Campina Grande por volta do século XX, nas próximas linhas leremos o texto que está implícito nos edifícios da rua em análise.

---

<sup>15</sup> GUIMARÃES, 2007, p. 25.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 25-26.

<sup>17</sup> BETTENCOURT, 2010, p.26.

## Lendo a rua Maciel Pinheiro

Ao longo dessa discussão vimos que a cidade e o patrimônio histórico podem ser lidos, pois sendo agentes históricos possuem historicidade. Destarte, qual a história que esta rua conta a partir dos seus prédios e características peculiares? A partir da pesquisa com alguns cidadãos, pudemos perceber que é quase unânime a percepção que esta rua contém uma historicidade, pois há nela aspectos do passado.

Na análise desta rua, o que as pessoas atribuíram ao passado são os edifícios em estilo Art Déco. Alguns autores se debruçaram a entender a emergência desse estilo de arquitetura na primeira metade do século XX. Entre eles encontra-se Telma de Barros Correia que estudou a chegada do estilo no Brasil. Sobre isso ela diz: “Nada marcou mais o cenário das cidades brasileiras nas décadas de 1930 e 1940 que a arquitetura de tendências art déco, que então se firmou como uma expressão de modernidade acessível às diferentes classes sociais.”<sup>18</sup>

Há uma problematização envolvida no conceito de arquitetura Art Déco. Segundo Günter Weimer é um “conceito mal posto”<sup>19</sup>. O autor estudou o termo Art Déco em algumas revistas da época e percebeu que o mesmo encaixava-se à pinturas, objetos de arte e muito pouco à arquitetura. Contudo este termo foi ao longo do tempo agregando-se à estilos arquitetônicos protomodernos.

Ainda segundo Weimer, o Art Déco seria um corrente do ecletismo e este “nome deve ter surgido a partir da realização de uma exposição montada em Paris, por volta de 1968 que levou este nome e que consistia numa revisão nostálgica da década de 1920”. Sobre a emergência deste termo também falam Alcilia Afonso e Cinthya Araújo: “O termo Art Déco só veio a ser de fato empregado em 1966, fazendo referência à Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas, que ocorreu em Paris em 1925”.<sup>20</sup>

O estilo arquitetônico Art Déco tem inúmeras características que o permitem reconhecer. Reunindo os aspectos propostos por Telma, Weimer, Alicia e Cinthya, teremos as seguintes formas definidoras do estilo: Formas escalonadas, formas geométricas, volumes arredondados ou planos, linhas verticais, linhas em ziguezague, temas florais simplificados, prismas retangulares, simetria, colunas, óculos, frontões, capitéis, pilastras, platibandas, mistura de ecletismo e cubismo, cores suaves em tons pastéis e formas suaves contrapostas ao estilo colonial.

Situados historicamente sobre o estilo Art Déco, podemos fazer uma melhor leitura da rua Maciel Pinheiro. O estilo predominante na rua foi resultado de uma reforma urbana desenvolvida pelo prefeito Vergniaud Wanderley. Segundo Severino Cabral Filho, “Wanderley administrou a cidade de Campina Grande em duas ocasiões: entre novembro de 1935 e dezembro de 1937, e de agosto de 1940 a março de 1945”.<sup>21</sup> Sua gestão foi marcada pelas reformas da cidade que buscavam disseminar uma leitura de espaço moderno.

O estilo arquitetônico empregado visava romper com o passado colonial, visto que este implicava determinadas dependências. Como já vimos a partir de

<sup>18</sup> CORREIA, 2010, p. 14

<sup>19</sup> cf. O conceito de Art Déco. Revista UFG, 2010.

<sup>20</sup> AFONSO; ARAÚJO, 2015, p. 2

<sup>21</sup> cf. nota de rodapé de “As cidades na fotografia”, 2007, p. 214.

Barros, a cidade gera representações de si mesma, nesse sentido, os casarões coloniais não deveriam mais representar a cidade de Campina Grande dando espaço à modernização e ao estilo Art Déco. Segundo Alcilia e Cinthya:

O estilo tornou-se símbolo da grande reforma urbana empreendida pelo prefeito Vergniaud Wanderley na tentativa de modernizar a “Liverpool Brasileira”, segunda praça algodoeira do mundo, especificamente em 1936, quando ele inicia o remodelamento do centro tradicional através de várias leis de cunho sanitaria e urbanístico. (AFONSO; ARAÚJO, 2015, p. 5)

A citação acima afirma que a reforma de Wanderley iniciou-se pelo centro da cidade e esta é uma característica que aparece no final do século XIX, quando no Rio de Janeiro começa-se a retirar e proibir a construção dos cortiços nas áreas centrais da cidade a partir de políticas higienistas. Segundo Sidney Chalhoub:

Intervenções violentas das autoridades constituídas no cotidiano dos habitantes da cidade, sob todas as alegações possíveis e imagináveis, são hoje um lugar-comum nos centros urbanos brasileiros. Mas absolutamente não foi sempre assim, e essa tradição foi algum dia inventada, ela também tem a sua história. (Chalhoub, 1996, p. 19)

Gutemberg nos diz que o processo de modernização da cidade tinha “múltiplos significados”, contudo, predominava-se concepções de urbanismo e saneamento. O discurso de urbanização agregado ao sanitário faz pensar a cidade como um organismo vivo e, nas palavras de Rago, realiza até “cirurgias” no corpo social para banir suas partes doentes<sup>22</sup>.

Podemos dizer que foram feitas verdadeiras cirurgias em Campina Grande e sem anestesia, pois as palavras do próprio prefeito Wanderley, considerado maior reformador urbano da cidade, revelam que o desejo de modernizar era grande o suficiente para não demonstrar qualquer piedade ao cidadão contrário às reformas:

De outra feita, um morador de uma pequena casa que atravancava a rua Tiradentes e que já estava paga ao proprietário [tentou protelar a saída], mandei que um caminhão abalasse a sua estrutura com uma forte marcha ré, para que o referido morador se atemorizasse com o próximo desabamento. (SANTOS, 2003, p. 75 *apud* DINOÁ, 1993, p. 207)

Diante da reforma do centro de Campina, a sua principal rua sofreu modificações arquitetônicas que resultou em permanências até os dias atuais, estas permanências fazem parte do patrimônio histórico da cidade. A rua Maciel Pinheiro desde os primórdios da cidade foi considerada um centro comercial. Já se chamou Rua Grande, Rua das Gameleiras, Rua da Feira, Rua do Seridó, Rua

---

<sup>22</sup> RAGO, 1985, p. 167.



Uruguaiana e Rua da Independência e Praça Epitácio Pessoa.<sup>23</sup> “A Rua Grande, ou Maciel Pinheiro era o epicentro de Campina Grande. Nela morava maior parte da elite política, proprietária e comercial da cidade, até pelo menos meados dos anos 30.”<sup>24</sup>

Ainda segundo Gutemberg, com a reforma urbana, a população residente nesta rua foi dispersa, tornando-a exclusivamente comercial. Ele registra que “segundo relato de D. Esmeraldina Agra Ramos, vários antigos proprietários não tiveram condições de construir na área seguindo as exigências da legislação”.<sup>25</sup> Isso porque a reforma foi estabelecida através do decreto abaixo definido:

#### DECRETO Nº 51

(...) O Prefeito...

– considerando que Campina Grande apesar de ser uma cidade bastante adiantada, distancia-se, porém, das outras cidades importantes do país, pelo seu aspecto material, pois as construções e reconstruções em suas principais ruas são geralmente feitas de um só pavimento;

– considerando que o poder Público tem o dever de interessar-se pelo embelezamento da cidade, pois, é ele inquestionavelmente que impressiona os que nos visitam;

– considerando que para isso é preciso obrigar-se que as construções e reconstruções nessas ruas sejam de mais de um pavimento (...).

#### DECRETA

Art. 1 — Nas ruas João Pessoa até Major Belmiro Barbosa Ribeiro, Marquês do Herval, Maciel Pinheiro, Monsenhor Sales e Cardoso Vieira e nas Praças João Pessoa, do Rosário e Praça Epitácio Pessoa, as construções e reconstruções só serão permitidas de mais de um pavimento (...). (SANTOS, 2003, p. 67 *apud* O Rebate, 1935)

Uma característica implícita na arquitetura Art Déco que também gera representações de si é a hierarquização das formas. A partir da volumetria e designers escalonados, os prédios passavam uma impressão imponente. Segundo Telma de Barros Correia:

Em prédios altos, igrejas e instalações fabris a composição escalonada de volume foi uma solução frequente, coerente com a ênfase na altura e com a busca de monumentalidade. Neste e em outros programas de uso coletivo - clubes, cinemas, etc. - o uso de princípios de hierarquização, expressos em formas escalonadas e na ênfase ao acesso principal, se evidencia. (CORREIA, 2010, p. 18)

Diante dessa perspectiva de imponência percebida na arquitetura, com discursos de modernização urbana, é pertinente perceber a análise que Margareth Rago faz das fábricas no contexto da industrialização do Brasil de 1870 até a

<sup>23</sup> Cf. João Paulo, 2015, p. 312-313. Neste artigo, autor faz uma abordagem sobre a mudança de nomenclatura dos logradouros centrais de Campina Grande e como isto tencionava perpetuar a memória dos dominantes.

<sup>24</sup> SOUSA, 2003, p. 68

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 81

década de 1930. Esse contexto envolve o período de modernização das cidades e a reforma de fábricas que também empregam o estilo Déco. Em seu texto Rago aborda como foi pensado o projeto de modernização das fábricas a partir de políticas higienistas, mas que, segundo a autora, possuía caráter disciplinador. No projeto, defendia-se uma fábrica que sendo “asséptica e racional, deveria apagar todos os ranços e lembranças negativas do passado (...) a nova organização do trabalho propunha uma boa ventilação e iluminação das unidades produtivas, a construção de edifícios amplos e espaçosos”.<sup>26</sup>

Esses valores de modernização envolveram todos os âmbitos da sociedade, pois “o Art Déco tornou-se uma linguagem acessível a todas as camadas sociais: às elites, às classes médias e às classes populares”<sup>27</sup>. É importante enfatizar que a maioria dos discursos promovedores das reformas urbanas no Brasil tinham fundamentação higienista e de embelezamento da cidade. Campina Grande não ficou distante desse contexto. O Jornal de Campina nos revela alguns fatos ocorridos em nome da modernização e embelezamento da cidade. Nos anos analisados (1952-1953), o jornal apresenta muitas menções da rua Maciel Pinheiro. São inúmeros os anúncios de lojas situadas na rua Maciel Pinheiro que acabam dando notoriedade ainda maior a este espaço.

Em uma de suas páginas o jornal traz a seguinte notícia sobre uma empresa automobilística: “Campina Grande cresce. Mais um majestoso edifício embeleza a cidade - inauguradas solenemente as novas instalações da STUDEBAKER”.<sup>28</sup> A ideia de um novo estabelecimento desse gênero é associado ao crescimento de Campina, algo que parece estar em formação contínua, pois este anúncio data de sete anos após a grande reforma de Wanderley.

Os mais notáveis fatos do jornal são de Cristino Pimentel na coluna *Coisas da cidade*. A seguir destacamos alguns trechos para importante reflexão:

Carta aberta ao capitão Wilson silveira, chefe do tráfego desta cidade (...) quero lhe fazer um pedido, mais do que um pedido, um apelo. Olhe para rua Maciel Pinheiro e observe, analisando o quanto é prejudicial aquele insolente estacionamento de automóveis, prejudicial ao trânsito e a beleza das vitrines comerciais (...) acabe com isto, capitão Wilson, obrigando essa gente a deixar seus carros no centro da Avenida Floriano Peixoto, acima do Grupo Escolar, e deixe que a rua Maciel Pinheiro, com a sua graça, o seu movimento, mostre o seu brilho, livre das filas dos automóveis incomodativos.” (JORNAL DE CAMPINA, Ano 1, nº7, p. 2 - 1952)

Em outro momento Cristino continua reafirmando seu apelo, acrescentando: “Essas ruas são as mais procuradas pelas famílias para suas compras e seus passeios tardinos especialmente nos dias de sábado, quando o comércio é mais movimentado e visitado”.<sup>29</sup> Em outra coluna denominada *O povo reclama* reivindica-se a limpeza da rua Maciel Pinheiro e, não apenas a limpeza de lixo, mas dos ambulantes presentes nessa artéria. Sobre essa questão argumenta Maria Jackeline em *Para Além da Pedra e Cal* (2017). A discussão da autora se

<sup>26</sup> RAGO, 1985, p. 39

<sup>27</sup> AFONSO; ARAÚJO, 2015, p. 2

<sup>28</sup> Jornal de Campina, nº 1, p. 2 (1952)

<sup>29</sup> Jornal de Campina, nº 7, p. 2 (1952)

dá muito posteriormente a este pedido de retirada dos ambulantes acima citado, pois o seu recorte analítico demarca dos anos 1970 a 2000. A coluna *O povo reclama* traz a seguinte notícia em dezembro de 1952:

Atualmente a rua Maciel Pinheiro está sendo invadida por tudo que é de bancas, carroças, cadeiras, tudo enfim que não deixa o pedestre andar como deveria ser. Até mesmo balaio de galinha, atados de rapadura, já têm sido expostos à venda nas calçadas da rua mais comercial da cidade. Para o visitante, é um grande panorama, que marca uma época administrativa. (JORNAL DE CAMPINA, nº 20, p. 3)

É interessante perceber, como vimos em Koselleck, a transição do tempo no cotidiano. Pois, a reivindicação acima data da segunda metade do século XX, exalando modernização. Contudo, a primeira metade deste século ainda preservava características demasiadamente rurais. Em *Modernidade aos golpes* o autor nos diz:

Ao verificarmos os jornais do século XX, encontramos ainda a presença constante dos animais perambulando pelas ruas, fossem acompanhado de humanos, servindo, por exemplo, como meios de transporte, fossem sozinhos, ajudando a limpar a cidade - especialmente quando o presidente do Estado demorava a visitá-la... (AGRA, 2008, p. 82)

Para Maria Jackeline, há um jogo de disputas que envolve os ambulantes e o poder público na rua Maciel Pinheiro. A partir da década de 1990 pensou-se em algumas políticas de preservação do centro histórico campinense resultando no projeto “Campina Déco” que consistia na revitalização do centro, sobretudo, a rua Maciel Pinheiro. Entretanto, para Jackeline os ambulantes são tidos como poluição visual da cidade e o projeto pretendia segregá-los.<sup>30</sup> A autora também mostra como o projeto Campina Déco ganhou espaço e lógica de turismo, indústria cultural e entretenimento como também aborda Funari.<sup>31</sup>

O conjunto arquitetônico em Art Déco situado na rua Maciel Pinheiro tornou-se patrimônio histórico da cidade segundo o Decreto estadual de nº 25.139 de 28 de junho de 2004. As leis de tombamento servem para salvaguardar o patrimônio histórico, isto porque como já vimos neste trabalho, o passado nem sempre precisará morrer nas memórias e no espaço citadino.

---

<sup>30</sup> CARVALHO, 2017, p. 246.

<sup>31</sup> FUNARI, 2009, p. 54

## Considerações finais

A partir desse trabalho buscamos historicizar a rua Maciel Pinheiro propondo uma leitura não verbal do seu patrimônio, percebendo como as informações históricas podem ser capturadas, para além dos livros, através de uma observação em volta da cidade. Através da enquete realizada obtivemos conhecimento do olhar que se tem deste espaço da cidade a partir de uma observação ingênua e, com isso, oferecemos aos respondentes, e a todos que desejam conhecer, uma observação historiográfica da rua em análise.

É curioso como no século XX um símbolo de modernização, como a arquitetura Art Déco, passa a ser símbolo de antiquado no século XXI. A partir da obra de Funari e Pelegreni (2009), pode-se perceber que as políticas preservacionistas estão buscando associar preservação e desenvolvimento urbano, assim como, realizar oficinas-escolas para educação patrimonial, como já ocorre em João Pessoa. A importância das políticas preservacionistas se dão pelo poder de assegurar uma blindagem do passado através do patrimônio. Contudo, há quem já anuncie o óbito dessa arquitetura campinense. Todavia, deixo nas próximas linhas a seguinte reflexão:

Corremos o risco de não oferecermos às gerações futuras a oportunidade de vivenciarem a experiência do contato com as materialidades do passado. A crise de identidade coletiva já começou! Não sabemos mais quem somos e de onde viemos. Durante os festejos juninos, cultuamos réplicas arquitetônicas de um pretérito quem nem sabemos se é nosso. Enquanto isso, as nossas concretas referências se desmaterializam. (QUEIROZ, 2010, p. 40. Revista UFG)

Ligeiramente o cidadão passa pela rua Maciel Pinheiro. O fluxo de transportes e pedestres é intenso nesta artéria que já foi chamada de “o coração da cidade”<sup>32</sup> e também de “o coração do Art Déco na cidade”.<sup>33</sup> A visão das pessoas nesta rua segue sempre um parâmetro horizontal, perpassando entre as vitrines, trânsito e pedestres. Entretanto, convidamos o leitor a dinamizar o seu olhar em sentido vertical. Lhes convidamos a olhar para cima e perceber o passado fazendo-se presente na arquitetura Art Déco Campinense. Que conservemos este museu a céu aberto!

---

<sup>32</sup> FRANÇA, 2015, p. 312.

<sup>33</sup> Retalhos Históricos de Campina Grande. Disponível em:  
<http://cgretalhos.blogspot.com/search/label/RUA%20MACIEL%20PINHEIRO#.XdQ8DJNKiIV>

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, Alcilia / ARAÚJO, Cinthya. **Origem da arquitetura moderna em campina Grande: Obras precursoras e suas contribuições para arquitetura regional. 1900-1950.** Belo Horizonte, 2015.
- AGRA, Esmeraldina. **Lágrimas de saudade.** Campina Grande, EPGRAF, s/a.
- AGRA, Giscard Farias. **Modernidade aos goles : a produção de uma sensibilidade moderna em Campina Grande, 1904 a 1935.** Recife, O Autor, 2008.
- ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História.** In: PINSKY (Org.), Fontes Históricas, 2005.
- BARROS, José d' Assunção. **Cidade, Espacialidade e Forma – considerações sobre a articulação de três noções...**, p. 121-137. Lusíada n.º 4/2007.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade.** São Paulo, Perspectiva, 2009.
- BETTENCOURT, Luisa Catarina Freitas Andrade. **A Morfologia Urbana da Cidade do Funchal e os seus espaços públicos estruturantes.** Malhada urbana n.º 10/2010.
- BRAUDEL, Fernad. **História e Ciências Sociais : a longa duração.** Revista de História, vol. 30, ano 16, n.º 62, 1965.
- CARVALHO, Maria Jackeline Feitosa. **Para Além da Pedra e cal : discursos e imagens de Campina Grande (1970 a 2000).** Campina Grande, EDUEPB, 2017.
- CORREIA, Telma de Barros. **O Art Déco na arquitetura Brasileira.** Revista UFG, Ano XII, n.º 8, 2010.
- FILHO, Severino Cabral. **As cidades na fotografia: uma experiência modernizante em Campina Grande - PB (1940 - 1944).** Revista de Ciências Humanas e Artes, v. 13, n. 2, 2007.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Patrimônio histórico e cultural / Pedro Paulo Funari, Sandra de Cássia Araújo Pelegrini - 2º ed.,** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2009.
- FRANÇA, João Paulo. **A “Rua do esquecimento”: A memória dominante dos logradouros centrais de Campina Grande - PB.** Revista Espacialidades, v. 8, n. 1, 2015.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado : Contribuição à semântica dos tempos históricos.** Contraponto, PUC-Rio. Bielefeld, 1979.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Os bens intangíveis e as políticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil: histórias, narrativas e memória.** III Encontro de História da Arte - IFCH/UNICAMP, 2007.

QUEIROZ, Marcos Vinicius Dantas de. **Art Déco em Campina Grande (PB): valorização, patrimonialização e esquecimento.** Revista UFG, ano XII, nº 8, 2010.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento.** Budapeste, 2002.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Campina Grande: Cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945).** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, nº 46, 2003.

WEIMER, Günter. **O conceito de Art Déco.** Revista UFG, Ano XII, nº 8, 2010.

## APÊNDICE A - ENQUETE

### Pesquisa

Análise para elaboração de um artigo científico

\*Obrigatório

Esta é a rua Maciel Pinheiro na cidade de Campina Grande, Paraíba. Qual a primeira impressão que se tem do estilo dos prédios? \*



Sua resposta

Enviar

Disponível em: <https://forms.gle/VXA1XkC5QwMAy1XA>

## APÊNDICE B - RESPOSTAS DA ENQUETE

Carimbo de data/hora	Esta é a rua Maciel Pinheiro na cidade de Campina Grande, Paraíba. Qual a primeira impressão que se tem do estilo dos prédios?
18/11/2019 14:53:36	Que estamos em outra época passada
18/11/2019 14:54:24	PRÉDIOS ANTIGO, NO MODELO DA ART DÉCOR
18/11/2019 14:56:39	Antigos
18/11/2019 14:57:33	Arquitetura antiga
18/11/2019 14:58:35	Casa de bonecos
18/11/2019 14:59:17	Estilo Português só que com mais cores.
18/11/2019 14:59:29	Retrô
18/11/2019 15:00:09	Mesmo que pareça ser um centro comercial, mantiveram a arquitetura antiga ou original, pra que não perca a essência e o colorido de uma cidade alegre e nordestina.
18/11/2019 15:05:39	Que são antigos
18/11/2019 15:08:49	Antigos
18/11/2019 15:10:27	Prédio antigo
18/11/2019 15:10:35	Antiguidade !
18/11/2019 15:14:35	Que são prédios antigos
18/11/2019 15:16:08	A Maciel pinheiro é uma das ruas mais conhecidas e emblemática de Campina Grande.
18/11/2019 15:17:35	Belos prédios que contam história. Embora ainda estejam precisando de algumas reformas.
18/11/2019 15:21:51	Um estilo antigo que foi preservado
18/11/2019 15:30:42	O designer aparenta não ser da atualidade, o que me faz acreditar que seja parte do patrimônio cultural material.
18/11/2019 15:35:46	Antigos
18/11/2019 15:53:54	Precariedade!
18/11/2019 16:00:38	Prédios com estilos antigos, porém bonitos
18/11/2019 16:05:38	Prédios antigos, que mostra como era nossa cidade antigamente.
18/11/2019 16:29:10	Antigos e lindos..revelam muita história
18/11/2019 17:23:02	Rústicos
18/11/2019 17:26:58	Prédios antigos, alguns em estado crítico visualmente. Outros remetem o estilo vintage.
18/11/2019 17:27:56	antigos
18/11/2019 17:29:47	Histórico
18/11/2019 17:29:55	Modelo arcaico.
18/11/2019 17:29:55	É tipo aqueles prédios antigos, tipo os de Areia.
18/11/2019 17:32:27	Lindos, sempre achei encantador esse estilo. Só precisa de restauração



18/11/2019 17:33:41	Lindos
18/11/2019 17:36:57	Prédios históricos do conjunto ART decó
18/11/2019 17:39:58	Uma visao turistica, ja que nos tempos antigos eram desses modelos que se fazia os prédios.
18/11/2019 17:41:14	São antigos e históricos
18/11/2019 17:45:15	Cultura Nordestina.
18/11/2019 17:48:27	Que a estrutura é antiga.
18/11/2019 17:50:42	Parecidos
18/11/2019 17:51:02	de uma construção antiga, na parte de cima dos estabelecimentos.
18/11/2019 17:51:27	Olhando assim me remete ao arcaico.
18/11/2019 17:53:09	Acho que por ser o centro poderia ser algo não inovador menos arcaico, mas infraestrutura.
18/11/2019 17:58:00	A impressão é que são prédios antigos, prédios que estão na cidade a um bom tempo, mas também, mostra história. São prédios que não só mostram tempo, mas mostram também história.
18/11/2019 17:58:23	que e o Centro
18/11/2019 17:59:25	São prédios antigos, vemos pelas pinturas e também pelo desainer quase não vemos mais prédios com esses acabamentos.
18/11/2019 18:02:52	Prédios antigos e com a arquitetura conservada
18/11/2019 18:03:59	uma construção antiga
18/11/2019 18:04:20	Histórico
18/11/2019 18:07:57	Patrimônio histórico.
18/11/2019 18:08:43	Que foram construídos há muito tempo atrás, mas que é forma uma parte importante da nossa história, e deve ser preservado.
18/11/2019 18:11:20	Uma cidade histórica
18/11/2019 18:16:29	Inicialmente, pode ser citado a conservação da parte superior dos edifício, que demonstra uma arquitetura mais antiga, contudo, mesmo conhecendo um pouco de alguns estilos, não saberia citar qual o estilo arquitetônico, de fato, dos prédios.
18/11/2019 18:22:36	Antigos
18/11/2019 18:42:32	Antigo
18/11/2019 18:45:37	que os prédio preservam um estilo mais antiquado dos anos 1960 e 1970. e 60
18/11/2019 18:59:58	A impressão da história de campina ,quando tudo começou.
18/11/2019 19:03:56	Tem aparência com o centro Memorial do Recife prédios antigos
18/11/2019 19:49:34	Rusticidade
18/11/2019 20:00:35	Antigos
18/11/2019 20:02:37	Apesar da falta de preservação e estar tomada pelo comércio, pode ser visto o arte deco
18/11/2019 20:23:11	Bonito
18/11/2019 20:26:38	Lindo, mas é mascarado pelas lojas.
18/11/2019 20:33:16	A preservação da arquitetura foi pouca
18/11/2019 20:37:21	Muito antigo

18/11/2019 20:37:58	Tcc
18/11/2019 20:39:08	Que São Cada Um De Uma Cor
18/11/2019 20:40:02	Que sao antigos
18/11/2019 20:42:07	Modernização da arquitetura
18/11/2019 20:55:38	Antigos
18/11/2019 21:00:36	Predidos antigos,mais bem conservados e bonitos.
18/11/2019 21:02:43	Arquitetura antiga.
18/11/2019 21:15:04	Antigos, com cores vibrantes precisando de restauração.
18/11/2019 21:24:53	Um estilo simples e colorido.
18/11/2019 21:33:16	Que são algo antigo porem que traz uma historia sobre como foi fundada e edificada a cidade de campina grande e seu comercio.
18/11/2019 21:55:01	Prédios Históricos
18/11/2019 21:57:50	Normal
18/11/2019 21:58:00	Antigo
18/11/2019 22:09:53	Predios antigos ou cultura
18/11/2019 22:32:29	Que foram construídos de forma paralela ao outro, tipo, por serem bem pareidos.
18/11/2019 22:33:05	Nai sei
18/11/2019 22:33:08	Infelizmente , sucatiados.
18/11/2019 22:34:28	O resultado é horrível
18/11/2019 22:41:07	Sempre observei que os prédios possuem construções numa arquitetura antiga e sempre admirei a aparência deles, por conservar esses traços.
18/11/2019 22:43:25	Impressões históricas.
18/11/2019 22:43:43	Predios antigos.
18/11/2019 22:51:37	Antigos
18/11/2019 22:53:23	Eu percebia que as lojas eram modernas e os prédios antigos e ficava me perguntando o porque.
18/11/2019 23:30:47	Os prédios apresentam um estilo arcaico, porém bem conservados, com pintura moderna. O que retrata um pouco de como o centro de Campina Grande era antigamente, só que nos tempos atuais..
18/11/2019 23:54:02	Má conservação da história
18/11/2019 23:59:18	Antigos
18/11/2019 23:59:57	Antigos
19/11/2019 01:39:57	Antigo
19/11/2019 01:40:24	Arquitetura arcaica
19/11/2019 08:09:57	Antigos
19/11/2019 10:43:40	Que sao construções antigas
19/11/2019 15:46:54	Bom
19/11/2019 19:34:11	Prédios antigos que com certeza guardam uma história.

19/11/2019 20:37:11	Prédios antigos
19/11/2019 23:36:42	Antigo
19/11/2019 23:47:37	Bonita mas alguns precisa de uma reforma.
20/11/2019 07:32:36	Bem conservado
20/11/2019 10:25:57	Históricos
20/11/2019 12:56:06	Antigas

Esta pesquisa contou com a resposta de 100 cidadãos.

## **AGRADECIMENTOS**

Gratidão a Deus, meu refúgio espiritual, em quem encontro força cotidianamente, por ter me permitido chegar até aqui.

Aos meus pais, Erivaldo Resende Alves e Betânia Cabral Alves, pelo contínuo incentivo e encorajamento na minha trajetória educacional desde a infância, mostrando-me sempre a beleza da sapiência

A minha bisavó, que carinhosamente chamamos “Dinha”, por todo apoio oferecido nestes anos de estudo.

Ao meu eterno namorado, Frankmarley, que ao longo desse itinerário tornou-se meu esposo, por cada palavra de incentivo na carreira estudantil, nunca permitindo-me desistir nas horas de desânimo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana, pela disposição em orientar-me, por toda compreensão e suporte ao longo deste trabalho.

A todos que direta ou indiretamente participaram da minha formação, meu muito obrigado.